

Capital S/A

SAMANTA SALLUM
samantasallum.df@cbnet.com.br

“Posso não concordar com o que você diz, mas defenderei até a morte o seu direito de dizê-lo”

Voltaire

Ed Alves/CB/DA Press



Cai em 23,1% o total de lojas fechadas na Asa Sul

A Asa Sul tem hoje 492 lojas fechadas. Em agosto de 2021, eram 640. A redução de 23,1% é atribuída ao novo estágio da economia do Distrito Federal em razão do avanço da vacinação, flexibilização de medidas contra a covid-19 e da reabertura de muitos comércios que paralisaram as atividades a partir de 2020 quando começou a pandemia. A pesquisa foi feita pelo Sindivarejista.

Mais empregos

Para o presidente do Sindicato do Comércio Varejista (Sindivarejista), Sebastião Abritta, “lojas abertas significam mais empregos e renda. Hoje, há mais consumidores saindo de casa para ir às compras no comércio de rua e de shoppings. Antes, muitos estavam retraídos temendo a covid-19”.

Divulgação



Locais com menos comércio

» Na avenida W3 Sul, há 186 imóveis comerciais desocupados e as quadras 503 e 505 lideram o ranking com 24 e 22 lojas, respectivamente, sem funcionar.

» Nas quadras 100, o maior número de lojas fechadas (7) fica na Comercial Local Sul (CLS) 113.



Mário Falcões/Divulgação

» Nas quadras 200, as comerciais da 214, 209, 208 e 207 têm 4 imóveis desativados cada uma, no total são 16. Nas quadras 300, o maior número (10) concentra-se na 311 e 312: 5 lojas sem funcionar em cada uma. E nas quadras 400, a 407 Sul desponta com 8 estabelecimentos fechados.

Aluguel alto e falta de estacionamento

As causas do fechamento de lojas na Asa Sul passam pelos aluguéis altos e falta de estacionamento.

Preço dos combustíveis

Um outro fator explica, em parte, a reativação de muitas lojas. É que, com os constantes aumentos dos combustíveis, os consumidores passaram a ir às compras perto de suas casas, evitando o uso de carros.

Divulgação



Codese se reúne para validar documento a candidatos ao GDF

O Codese/DF realizou, no auditório do Sinduscon/DF, um fórum com a participação de todos os membros das câmaras técnicas, líderes de eixos estratégicos e diretoria do Conselho para apresentação e validação da versão preliminar do documento “O DF que a gente quer - visão 2022-2040”.

Sabatina

Foram realizados ajustes para que versão final do documento seja entregue em agosto aos candidatos ao governo do Distrito Federal, durante uma sabatina com membros do Codese.

Representante do Brasil para saúde no fórum do Brics

Janete Vaz, cofundadora e presidente do Conselho de Administração do Grupo Sabin, participou na semana passada, por videoconferência, do BRICS Business Forum. A empresária teve a missão de representar o Brasil com sugestões para cooperação em saúde entre os países do bloco. Fazem parte os de economias emergentes: Brasil, a Rússia, a Índia, a China e a África do Sul.

Ed Alves/CB/DA Press



Globalização da economia e das doenças

Janete apontou que: a integração das economias em todo o planeta permitiu um grande aumento de circulação de pessoas e de mercadorias; promoveu o uso intensivo e não sustentável dos recursos naturais; e acentuou mudanças sociais favoráveis ao contágio das doenças infecciosas.

Cooperação

“A Cooperação entre países desenvolvidos e em desenvolvimento é necessária para mobilizar recursos, desenvolver a tecnologia, promover o comércio, aplicar políticas públicas que promovam o desenvolvimento sustentável”, ressaltou a biomédica.

PANDEMIA / Pessoas acima dos 70 anos estão no grupo mais vulnerável e onde há mais vidas perdidas por complicações pelo coronavírus. Completar o ciclo vacinal é importante prevenção

Mais idosos morrem por covid

» JÚLIA ELEUTÉRIO

Júlia Eleutério/CB/DA Press



Fila para a vacinação da quarta dose na UBS 2, da Asa Norte. Secretaria de Saúde continua reforçando campanhas para o autocuidado

A faixa etária em que são registradas mais mortes por covid-19 no Distrito Federal é a que está acima de 60 anos. Desde o início da pandemia, dos 11.746 óbitos registrados, 20,6% (2.432) é de moradores com 80 anos ou mais; 21,3% (2.506), tinha entre 70 e 79 anos; e 20,8% (2.437), entre 60 e 69 anos. Neste ano, dos 474 óbitos ocorridos entre janeiro e maio na capital do país, 345 (72,8%) eram de pessoas não vacinadas ou com esquema de imunização incompleto. Entre as vítimas que estavam com todas as doses em dia (129), 85,3% apresentavam pelo menos uma comorbidade e média de idade de 79 anos, segundo a Secretaria de Saúde.

Apesar de a maioria dos casos e de não vacinados (35%) serem de pessoas com idades entre 20 e 49 anos, com 482,8 mil infectados, a taxa de letalidade nesse grupo não passa de 0,7%. Já entre a população a partir de 60 anos, o índice chega a 19,5%, no público com 80 anos. Mesmo com uma alta cobertura de vacinação nessa idade (96%), a população mais velha ainda representa um grupo mais vulnerável em relação a covid-19, em especial, aqueles que têm alguma comorbidade, fator que se mostra presente na maioria dos óbitos notificados pela pasta da saúde. Pessoas com alguma doença representam 84,9% (9.942) das mortes por infecção pelo novo coronavírus. Atualmente, a campanha de imunização aplica a quarta dose para pessoas com 40 anos ou mais.

O momento é de alerta e cuidado. Segundo o infectologista

e especialista em medicina tropical Dalcy Albuquerque, há motivo para preocupação, mesmo que o número de óbitos por dia não seja elevado. “É sempre uma doença, e existe sempre o risco com relação a essa complicação. O que a gente tem visto de uma forma geral é que as pessoas que estão complicando e morrendo são pacientes com as tradicionais comorbidades. Quer dizer, é que a covid-19 ou qualquer outra infecção ou qualquer outra doença poderia desencadear um quadro grave e o óbito, além dos não vacinados

ou de pessoas com esquema incompleto”, destaca o médico.

Comorbidades

Entre os tipos de comorbidades com maior incidência nas pessoas que morreram de covid-19, estão a cardiopatia, com 7.257, o que representa 73%; seguido por distúrbio metabólico (4.373; 44%); obesidade (1.779; 17,9%); e pneumopatia (1.316; 13,2%). Cada indivíduo pode ter mais de uma comorbidade, o que pode agravar o quadro de saúde dos pacientes.

Entre outros fatores, Dalcy Albuquerque atribuiu ao grande número de doentes observados nas últimas semanas o fim de protocolos restritivos e a época do ano. “Foram eliminadas praticamente todas as medidas preventivas, individuais e coletivas, sejam o uso de máscara, seja evitar aproximação das pessoas, aglomerações e tudo mais. Isso naturalmente provocaria um aumento de casos, além de uma sazonalidade, quer dizer, doenças respiratórias tradicionalmente aumentam nesse período mais frio”, completa o médico. Para o

infectologista, ainda é necessário os cuidados individuais, como evitar locais cheios e ambientes fechados e manter o uso de máscara.

Preocupação

A taxa de transmissão (Rt) vem recuando, no entanto, o índice continua perigoso, 1,72 — quando um grupo de 100 pessoas passa a doença para outras 172. O pesquisador do Centro Universitário Iesb e pós-doutor pela Universidade de Brasília (UnB) em ciência do comportamento

Breno Adaid avalia que o grande número de casos registrados é assustador. “O Rt continua alto e, mesmo sinalizando queda, enquanto permanecer acima de 1, as infecções vão continuar subindo. Muitas ocorrências ao mesmo tempo podem significar dificuldades de atendimento na rede de saúde. A proporção de mortes com essa sublinhagem somada à vacinação é mais baixa entre todas as ondas, mas, com números tão grandes, o valor absoluto de mortes sempre preocupa”, alerta Breno. Ontem, o DF registrou 7.062 diagnósticos positivos para a covid-19, totalizando 766.392 infecções, e quatro óbitos.

Em nota, a SES-DF, garante que as campanhas desenvolvidas pela pasta buscam a conscientização da população para o cuidado individual pelo bem coletivo. “Nestes dois anos de combate à pandemia, a Saúde atua também, de forma educativa, para a mudança de hábitos culturais da população, orientando a adoção de medidas não farmacológicas, como a etiqueta respiratória no caso de a pessoa estar com sintomas de covid e frequentar aglomerações”, detalha.

A pasta ressalta que os chamamentos para a população completar o esquema vacinal continuarão a ser feitos. “Apesar da menor letalidade, a variante ômicron é uma cepa mais contagiosa, e, considerando, um cenário em que grande parte da população se encontra com o esquema vacinal incompleto e ainda uma parte significativa não foi imunizada ou não adquiriu covid-19, o esforço da SES é que as pessoas busquem a proteção oferecida pela vacina”, reforça.